



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

VANESSA FIGUEREDO SOUZA

**O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE
ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

VANESSA FIGUEREDO SOUZA

**O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE
ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA NO MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

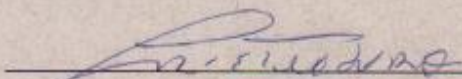
VANESSA FIGUEREDO SOUZA

**O IMPACTO DA VIOLÊNCIA NO PROCESSO DE
ENSINO/APRENDIZAGEM DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA
NO MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA**

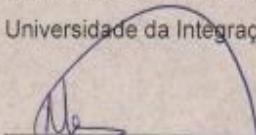
Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa –
apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito
para obtenção de título de Bacharel em humanidades.

APROVADO EM: 25 / 12 / 2017

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profe. Dr. Márcio André de Oliveira Santos
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profe. Dr. Ricardo Matheus Benedicto
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---------------------------------|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 5 |
| 2 | PROBLEMA | 6 |
| 3 | JUSTIFICATIVA | 6 |
| 4 | REVISÃO DE LITERATURA | 9 |
| 5 | OBJETIVOS | 11 |
| 5.1 | OBJETIVO GERAL | 11 |
| 5.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 12 |
| 6 | HIPÓTESES | 12 |
| 7 | QUADRO TEÓRICO | 12 |
| 7.1 | VIOLÊNCIA ESCOLAR | 13 |
| 7.2 | JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA | 14 |
| 7.3 | PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM | 17 |
| 8 | METODOLOGIA | 18 |
| 9 | CRONOGRAMA | 20 |
| | REFERÊNCIAS | 21 |

1 INTRODUÇÃO

Com este projeto, pretende-se discutir a violência no ambiente escolar e os seus impactos na vida e no processo de ensino/aprendizagem de alunos e alunas das séries finais do ensino fundamental de uma escola pública do município de Ipirá/Ba.

O município de Ipirá, que antes era conhecido como “Camisão”, “Povoado do Camisão”, “Freguesia de Sant’Ana do Camisão”, “Vila de Sant’Ana do Camisão”, recebeu esses nomes porque o primeiro habitante trajava roupas estilo camisolões. Ipirá é uma das cidades mais antigas do estado da Bahia, existe desde o século XVI. Os primeiros habitantes foram os índios Gentios, uma ramificação da tribo dos Tupis, que em 1931 deu o nome como Ipirá, que, para os indígenas, significa “Rio de Peixe”, sendo o mesmo nome do rio que corta o município. Está localizado a 202 km de Salvador, as margens da BA 052 – Estrada do Feijão, fazendo parte da microrregião homogênea e administrativa de Feira de Santana, tendo uma população estimada, no ano de 2017, em 62.631 habitantes. Na Bahia, está entre os municípios com maior produção leiteira, havendo grandes investimentos no setor de couro.

Historicamente, a escola tem sido considerada um ambiente em que os alunos devem acessar e permanecer para aprender valores sociais e culturais e, para produzirem conhecimentos. Porém, em alguns locais tudo indica que não tem sido, necessariamente assim, já que, em algumas das escolas pertencentes ao município em questão, tanto alunos quanto professores têm vivenciado situações e tipos diferenciados de violência gerando, a cada dia, a sensação de insegurança e medo.

O interesse pela temática da violência escolar, partiu das vivências familiares. Vários membros de minha família, são professores e professoras de escolas públicas e vivem e convivem, em seus cotidianos, com essas situações. Assim, considero que compreender quais as questões e os motivos que levam às atitudes violentas, particularmente dentro do espaço escolar, são as bases para a eleição de tal temática.

A entrada e o aproveitamento das disciplinas no Curso de Bacharelado em Humanidades da UNILAB/Malês, ampliaram meus conhecimentos sobre os conceitos de discriminação e preconceito, algo que, do meu ponto de vista, contribui para compreender melhor a temática, pois coopera para a desconstrução de ideias de que todas as escolas, em especial as públicas, são violentas. Colabora também, para entender o porquê de alguns estudantes desenvolverem comportamentos violentos.

Com o desenvolvimento do projeto, pretendo colaborar para o enfrentamento da violência nos espaços escolares e, quiçá, para a sua diminuição no município de Ipirá, local onde resido. Pretendo, ainda, verificar a possibilidade de identificar estratégias para o combate da violência para além do espaço escolar, impactando, também, na comunidade do entorno da escola pesquisada.

2 PROBLEMA

A violência escolar vem atingindo a todos. Sendo assim, é preciso que as escolas, em parceria com as famílias e as comunidades interna e externa, procurem medidas para o seu enfrentamento. Tendo em conta a complexa situação, teço a seguinte questão problematizadora:

- ✓ Quais são as medidas e as estratégias utilizadas pelas escolas públicas, para combater a violência que ocorrem em seus interiores?

3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto se justifica no cenário de violência ocorrida em escolas públicas do município de Ipirá. O tema violência escolar vem sendo estudado há muito tempo, no entanto, tudo indica que o problema vem se agravando. A escola é o encontro de diversidades, um espaço de diálogo e produção de conhecimento que, atualmente, vem enfrentando grandes desafios para o enfrentamento e a diminuição de situações violentas em seus distintos espaços. Nessa direção, Assis e Marriel ressaltam que:

O enfrentamento e a superação da violência na escola dependem do posicionamento de 'todos os atores' que nela atuam. Especialmente o Ministério e as secretarias de Educação, os diretores, os professores, os funcionários, os alunos e seus familiares, bem como os parceiros comunitários, ONGs, conselhos, empresas e a sociedade em geral têm papel na discussão crítica e na proposição de melhores condições para o ensino no país, num cenário em que a violência não seja aceita com o valor. Concentrando esforços para o enfrentamento da violência, lembramos que o oposto dela não é a 'não-violência', e sim a inclusão na cidadania e sua vivência plena. (MARRIEL & ASSIS, 2010, p.61)

Desse modo, tanto os professores quanto pais, alunos e toda a comunidade escolar precisam se unir para o desenvolvimento de estratégias e de ações para o combate à violência. Conforme os autores ressaltam, apenas o poder público não tem poder para combater as ocorrências de violência. A violência causa muitos impactos, principalmente em relação a perda de credibilidade por parte da escola, ampliando a evasão escolar e, também, fazendo com que os professores percam o interesse por seu trabalho e até mesmo, o abandone.

O problema da violência escolar não está apenas dentro da estrutura da escola, encontra-se também no seu entorno. Como nos mostram Rua e Abramovay, em publicação realizada pela UNESCO:

Para que se compreenda melhor as diversas manifestações que a violência assume nas escolas, compara-se e descreve-se, também, a estrutura física dos estabelecimentos escolares. Examina-se, ainda, o controle da entrada e saída dos alunos e a disposição e qualidade das instalações físicas, que torna mais ou menos vulnerável o acesso ao interior das escolas. (RUA & ABRAMOVAY, 2002, p. 29)

Nesse contexto, as estruturas físicas da escola também podem ser consideradas um motivo para atos violentos dos estudantes, pois, se eles vão à escola com o interesse de ter espaços para brincar ou lazer, geralmente não o encontram, abrindo, talvez, mais espaços para que desenvolvam atos violentos. Além disso, se o entorno da escola é violento e inseguro, com a presença de gangues e do tráfico de drogas, deixa a comunidade interna da escola, muitas vezes com receio de buscar por soluções, porque não sabem a proporção que se pode tomar a situação.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) a partir dos estudos de Bronfenbrenner (1996), empregou um modelo para verificar os diferentes níveis da violência, denominado de ecológico. No modelo, em relação aos níveis pode ser compreender que:

No primeiro nível do modelo ecológico, o individual, leva em consideração os fatores históricos, sociais, biológicos e pessoais que uma pessoa traz em seu comportamento e que podem afetar a possibilidade de ela ser vítima ou perpetrador da violência. O nível relacional diz respeito às relações sociais próximas, por exemplo, relações com companheiros, parceiros íntimos e membros da família que aumentam o risco para vitimização violenta e perpetração da violência. O terceiro nível analisa os contextos comunitários das relações, como as escolas, os locais de trabalho e a vizinhança, e busca identificar as características desses cenários associadas ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador da violência. Por fim, o último nível do modelo

ecológico analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência. (MARRIEL & ASSIS, 2010, p. 42)

Isso pode demonstrar que são muitos os fatores que influenciam o desenvolvimento de comportamentos violentos ou não, por exemplo, para as autoras, muitos estudantes que praticam atos violentos, muitas vezes, podem desenvolvê-los a partir das diferentes situações vivenciadas em seu contexto familiar quando crianças, como palmadas e castigos. Eles podem criar, assim, maior probabilidade de serem violentos.

Outro aspecto importante a ser considerado é o funcionamento das escolas. Aquelas que funcionam durante o período noturno, estão mais propícias a sofrerem com mais casos de violências. As escolas próximas a bares é outro exemplo de que sua localização pode facilitar o uso de bebidas alcoólicas, resultando em práticas violentas. Tudo indica que três fatores, também podem gerar mais violência: os rendimentos escolares, a relação de professores e alunos e a relação entre alunos.

Segundo Davis; Tartuce; Nunes; Almeida (2013, p. 1), as primeiras séries do Ensino Fundamental tem sido bem estudado no Brasil, particularmente a partir de 2006, com o início da escolarização, aos 6 anos. Porém, os outros quatro e últimos anos não têm recebido a mesma atenção, existindo pouquíssimos estudos que tratam sobre essa fase de ensino. De acordo com elas,

Alunos que se encontram na faixa etária dos 11 aos 14 anos, pouco ou nada se sabe a respeito de sua experiência escolar. Outra dificuldade reside no fato de que esses dois campos do conhecimento – o que estuda os processos internos à prática pedagógica e o que analisa a relação da escola com os jovens – são apartados e não dialogam entre si. Parece haver, assim, um abismo entre pesquisadores que focam as questões pedagógicas sem incluir a discussão sobre juventude e estudiosos que pensam nos jovens, mas não se nutrem das discussões provenientes das teorias pedagógicas, isto é, não dialogam com a reflexão que vem sendo feita sobre currículo, didática e organização escolar. Mas, nesse último caso, novamente, não está se pensando no adolescente de 11 a 14 anos.

Em razão do exposto é que julga-se de profunda significância o desenvolvimento do presente projeto, que pode contribuir para compreender as nuances da violência no espaço escolar.

4 REVISÃO DE LITERATURA

O presente projeto propõe discutir a violência no ambiente escolar, buscando, primeiramente, apresentar discussão que vem sendo realizada sobre o tema abordado e, também, demonstrando a importância e as possíveis contribuições para se repensar a violência no espaço escolar.

A discussão sobre violência no espaço escolar é essencial, considerando que as escolas vêm sendo espaços de situações violentas, tendo impacto tanto na vida e na forma de ser de professores quanto de alunos. Segundo Miriam Abramovay (2002, p.21), "A percepção da violência no meio escolar muda de acordo com o olhar pelo qual esse meio é abordado. No passado, as análises recaíam sobre a violência do sistema escolar, especialmente, por parte dos professores contra os alunos (punições e castigos corporais)."

A violência já é um assunto abordado há muitos anos. Desde 1950 o tema violência já era estudado nos Estados Unidos e lá, segundo Abramovay, Avancini e Oliveira (2003, p.29), tem aumentado consideravelmente. No Brasil, de acordo com elas, o histórico da violência apresenta fortes marcas na educação, limitando o ensino e tornando difícil a aprendizagem. A violência vem ganhando grandes proporções e atingindo a todos da sociedade. Existem várias maneiras para a violência se manifestar, sejam elas em forma de agressão física, ameaças, humilhações e de outras maneiras, que afetam psicologicamente. Ou seja, a violência depende do que está no interior e no exterior da escola, sendo também vista por diferentes termos, e, acontecendo com professores e alunos. Como uma professora enfatiza em publicação de Menezes (2013):

Já virou rotina a violência contra professores, mas muitos dos casos não são registrados. Professora de escolas municipais [...] conta que nos primeiros anos de magistério enfrentou uma série de pequenas agressões, por parte dos alunos. (MENEZES, 2013, p.16)

A mesma autora, ao desenvolver pesquisa sobre violência escolar, demonstra como a ela impacta professores e alunos tanto de escolas públicas quanto de escolas privadas. O quadro evidencia as violências mais relatadas:

Tabela 1 - Casos de agressão mais relatados por professores

| TIPO DE AGRESSÃO | % |
|-------------------------|----------|
| AGRESSÃO VERBAL | 39 % |
| ASSEDIO MORAL | 10 % |
| BULLING | 6 % |
| AGRESSÃO FISICA | 5 % |
| DISCRIMINAÇÃO | 5 % |
| FURTO | 5 % |

Fonte: Pesquisa Violência nas Escolas - o olhar dos professores (Apeoesp)

Diante de tantos casos, é possível perceber o impacto que a violência tem sobre escola, atingindo professores e, também, os alunos. No caso desses últimos, muitos perdem o interesse pela escola, e evadem cada vez mais. Muitas das vezes, as famílias culpam as escolas ou os professores, porém, é necessário o desenvolvimento de ações conjuntas para o enfrentamento à violência.

A primeira reação das escolas, quando ocorrem situações de violência é acionar o poder público, ou seja, as autoridades competentes, no entanto, pesquisas demonstram que é preciso outras ações alternativas, como o desenvolvimento de projetos sociais, horas de lazer entre os alunos, visando maior contato uns com os outros, em buscas da construção de relações mais harmoniosas. Para as autoras,

Para se vacinar contra a violência, a escola deve transformar-se em lugar de encontro de diversidade cultural, habilitado para formas criativas de solidariedade. Precisa usar todo o potencial estratégico para tecer relações com a comunidade, especialmente a família, tendo os pais como parceiros para tal fim. Nesse núcleo deve ser possível a formação de valores e transmissão de conhecimentos. (ABRAMOVAY, AVANCINI & OLIVEIRA, 2003, p. 51)

Também, é necessário que o poder público federal, estadual e municipal, invista tanto em formação para os professores, objetivando maior condições para o trato da questão em sala de aula ou em outros ambientes escolares e, também, investimento em estrutura das escolas, buscando maior segurança. Como bem destacam as autoras,

Nos últimos anos, chama a atenção o aumento ou registro de atos delituosos e de pequenas e grandes incivildades nas escolas, o que justifica o

sentimento de insegurança dos que a frequentam. A escola não seria mais representada como lugar seguro de integração social, de socialização. Não é mais espaço resguardado. Ao contrário, tornou-se cenário de ocorrências violentas. (RUA & ABRAMOVAY, 2002, p. 27)

O que parece que tem contribuído para o aumento do cenário desafiador é a localização em que a escola se encontra. Quando a mesma está próxima à em uma área violenta, os alunos que ali se encontram ficam mais vulneráveis e podem tornar-se facilmente reprodutores de comportamentos violentos, ou seja, geralmente as condições de vida dos estudantes também têm impacto direto sobre os seus comportamentos. Como diz Assis e Marriel:

Embora a violência que ocorre no seio da família, na comunidade e a decorrência das condições de vida sejam reconhecidas e se manifestem sobre a vida dos estudantes das instituições públicas e privadas, as escolas pouco têm conseguido atuar diante das dificuldades por eles vivenciadas [...] o que comumente dificulta o aprendizado e o pleno desenvolvimento do aluno. (MARRIEL, ASSIS, 2010, p. 55)

À medida que as escolas estejam localizadas em espaços mais vulneráveis, será necessário encontrar providências urgentes para amenizar a violência. Como bem demonstra Menezes (2013), em pesquisa realizada, é que a solução para o problema da violência nas escolas, envolve uma aliança estratégica entre professores, pais, estudantes, o poder público e a sociedade. E que é preciso desenvolver - dentro de cada escola - projetos de esclarecimento, prevenção e combate à violência, mas que para terem sucesso, precisam do apoio das famílias e da comunidade.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Contribuir para a compreensão da violência nos espaços escolares e seus impactos no processo de ensino e aprendizagem de alunos das séries finais do Ensino Fundamental.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a visão de professores de escola pública, as relações existentes entre violência e espaço escolar;
- Identificar as estratégias utilizadas por professores, para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem de alunos em contextos de violência escolar;
- Verificar como que a temática violência está contida no currículo escola.

6 HIPÓTESES

Em relação à elaboração do projeto, foram surgindo às seguintes hipóteses:

- Os professores não têm dimensão dos diferentes fatores que propiciam a violência e suas complexidades, no espaço escolar;
- Não são elaboradas medidas e estratégias, junto aos alunos de escolas públicas, para o enfrentamento da violência em espaços escolares;
- Não está presente nos conteúdos disponibilizados e tratados no currículo escolar, temas sobre a violência.

7 QUADRO TEÓRICO

O quadro teórico em questão, segue as orientações do Professor Antônio Joaquim Severino, em seu livro Metodologia do Trabalho Científico (2007). Ao nos ensinar sobre a estrutura para a elaboração de um Projeto, ele nos diz que tal quadro “trata de esclarecer as várias categorias que serão utilizadas para dar conta dos fenômenos a serem abordados e explicados”. (p.131). Sendo assim que - neste momento, podendo ser ampliadas - consideramos fundamental, para a análise dos dados que serão coletadas, as categorias que seguem:

7.1 VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência é umas das principais preocupações da sociedade, sendo definida por Assis e Marriel (2010, p. 41) como um fenômeno complexo e multicausal, que atinge todas as pessoas, grupos, instituições e povos, e é produzida por todos. A mesma se expressa de distintas formas, cada qual com suas características e especificidades. Cada termo utilizado para definir a violência conduz a um mundo conceitual, cujos contornos são determinados por uma tradição sociocultural e pela experiência de vida de cada indivíduo.

Por isso, em diversas partes no mundo e no Brasil, pesquisadores têm procurado refinar o conceito de violência considerando a população alvo, os jovens e o lugar da escola como instituição. Nesse sentido, a literatura nacional contempla não apenas a violência física, mas acentua a ética, a política e a preocupação em dar visibilidade as violências simbólicas. (RUA & ABRAMOVAY, 2002, p. 22)

Anteriormente, os professores eram acusados de agir violentamente nas escolas, porém, atualmente, está cada vez mais comum que jovens sejam os maiores causadores da violência nas escolas, sem eximir os professores de suas atitudes. Segundo Rua e Abromavay (2002, p. 25), “a vulnerabilidade da escola a várias violências macrossociais, viria aumentando também sua perda de legitimidade como lugar de produção e transmissão de saberes, quando contraposta ao alcance social, ampliação do escopo e do acesso de novos meios de formação”. Dessa forma, a escola está vivenciando um momento em que pela evasão e pela falta de interesse de muitos jovens, estão deixando de lado seus estudos. As mesmas autoras questionam as mudanças e os problemas gerados pela violência.

Desde os primeiros estudos realizados sobre o assunto, nos Estados Unidos, na década de 1950, diversas das dimensões desse fenômeno passaram por mudanças e os problemas decorrentes assumiram maior gravidade. Algumas dessas notáveis transformações foram: o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogo, a disseminação do uso de drogas e a expansão do fenômeno das gangues, influenciando a rotina das escolas eventualmente associadas ao narcotráfico. Outra grande mudança resulta do fato de que as escolas e suas imediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas à violência cotidiana do espaço urbano. Ademais, as escolas deixaram, de certa forma, de representar um local de amparo, seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade. (RUA & ABRAMOVAY, 2002, p. 13)

Para as escolas que lidam com a violência, quando tem o vínculo com a comunidade possuem a capacidade de amenizar e combater a violência, visto que a partir da união obtida, o trabalho em conjunto é capaz de propor projetos em conjunto, como desenvolver atividades artísticas e esportivas, que faz com que os estudantes tenha interesse, e assim amenizar esse fato constante que está ocorrendo, pois é perceptível que apenas as aulas dentro de sala de aula não estão sendo capazes de educar os alunos. Além disso, tem a questão da realidade de cada escola, até porque a falta de recurso, de estrutura e de capacitação para preparar os professores para lidar com a realidade da escola, torna um problema agravante, pois os professores ficam sem saber o que fazer com as situações.

Segundo a autora Cleide Leitão,

[...] a violência é um fenômeno social bastante complexo e são várias as definições, as tipologias e as expressões que ela assume no ambiente escolar. As causas e as relações que geram situações violentas na escola desafiam os estudiosos. Alguns estudos acenam, entre outras causas, para a própria estrutura da sociedade brasileira, marcada por profundas desigualdades sociais e econômicas, que afetam a formação de valores e o comportamento das pessoas. (LEITÃO, 2010, p.239)

O comportamento de cada pessoa pode ser construído dentro de suas próprias famílias, mas parece que os pais estão relegando em demasia a responsabilidade para as escolas e os professores, porém, o ambiente escolar é uma responsabilidade não só dos professores e diretores, e sim, de todos que se envolvem com o processo de ensino e aprendizagem, como os pais e os próprios alunos, uma vez que a violência pode tornar-se uma consequência irreversível para todos.

7.2 JUVENTUDE E ADOLESCÊNCIA

O conceito de juventude e adolescência não tem uma definição ao certo, pois se trata de um período em que os jovens precisam construir uma nova identidade e encontrar o seu lugar no mundo. De acordo, com Moreira, Rosário e Santos (2011, p.458), baseados na psicologia, a adolescência tem um conceito e se diferencia da juventude, através das mudanças externas advindas da puberdade, ocasionando implicações internas. Tanto a adolescência quanto a juventude, sofrem com a influência do meio social. Juarez Dayrell (2003) enfatiza que:

Essas imagens convivem com outra: a juventude vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade. Ligada a essa ideia, existe uma tendência em considerar a juventude como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora. (Dayrell, 2003, p. 41)

Durante a adolescência é que os jovens estão procurando se destacar e diferenciar das pessoas que vivem ao seu redor, como se trata de uma etapa conturbada, muitos atritos acontecem entre eles próprios, dessa forma, eles buscam fazer amizade com quem tem ideais iguais aos deles. Às vezes, ocorrem certo distanciamento da família, já que, aparentemente querem mostrar que estão crescendo e se tornando maduros. Mas é durante essa fase que é preciso ter uma importante relação familiar, pois a família é a base segura e traz orientações e os valores para a vida. Muitos deles saem de casa para se descobrirem e terem novas experiências, e, assim, podem ficar vulneráveis as diversas situações, como por exemplo, o mundo do crime ou das drogas. Para Juarez Dayrell,

[...] A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem; ela assume uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona. Assim, os jovens pesquisados constroem determinados modos de ser jovem que apresentam especificidades, o que não significa, porém, que haja um único modo de ser jovem nas camadas populares. É nesse sentido que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes. Assim, compreendida, torna-se necessário articular a noção de juventude à de sujeito social. (Dayrell, 2003, p. 42)

O fato é que a juventude é a construção do sujeito social para que se inclua nos espaços da sociedade, e a escola é a peça fundamental para esse processo, mas ultimamente, está tornando um ambiente que não o envolve, distante dos seus interesses e necessidades, levando a uma grande evasão. Já os adolescentes são reflexos da sociedade, podendo assim dizer que eles idealizam seus pais, e vivem por motivações, passando sempre pelo processo de criação de seu próprio mundo.

Isso porque, na adolescência, o sujeito não é mais tão dependente dos pais de sua infância. O adolescente torna-se questionador devido ao afrouxamento desses modelos identificatórios. Isso quer dizer que, ao crescer, a criança começa a enxergar a insuficiência dos pais, e a identificação cega com os progenitores começa a vacilar. Isso é imperativo para a emancipação do sujeito. Será em virtude dessa constatação que o adolescente terá a possibilidade de separar-se dos pais da infância e encontrar seu próprio jeito de ser. (Moreira, Rosário e Santos, 2011, p. 459)

Os jovens e adolescentes encontram fatores críticos durante a sua construção, atravessam diversas crises, principalmente a crise do reconhecimento de seu próprio corpo, pois é nessa época que as mudanças aparecem, fazendo, assim, que eles precisem fazer escolhas fundamentais para a construção da vida adulta.

Conforme mencionado, é necessários pensar e discutir juventudes, já que, como um conceito social, não é possível uma única vivência. Sendo assim, ao nos referirmos a juventude negra, tudo indica que ela encontra-se em situação de maior vulnerabilidade.

No Brasil, mais que a metade da população é negra, e por serem negras, têm vivenciado preconceito e discriminação em função da cor de sua pele. No geral, são as principais vítimas da exclusão. Os enfrentamentos se tornam severos sobre as desvantagens em relação aos brancos. A desigualdade na educação, no trabalho, enfim, em toda a sociedade está fazendo com que os jovens negros sofram diante da realidade brasileira. Silva Bento e Beghin (2005), demonstram que a realidade vivida por eles que, segunda elas são,

Principais vítimas da violência urbana, alvos prediletos dos homicidas e dos excessos policiais, os jovens negros lideram o ranking dos que vivem em famílias consideradas pobres e dos que recebem os salários mais baixos do mercado. Eles encabeçam, também, a lista dos desempregados, dos analfabetos, dos que abandonam a escola antes de tempo e dos que têm maior defasagem escolar. (BENTO; BEGHIN, 2005, p. 194)

A juventude já é um período conturbado, em função das muitas modificações. Para os jovens negras, em função do racismo, esta fase da vida é mais complexa e dolorida, já que são tratados como um sujeito sem importância. As situações pelas quais os jovens negros passam contribuem para o baixo rendimento escolar; aumento dos índices de analfabetismo a evasão do ambiente escolar.

Talvez, no Brasil, com o contexto da implementação da Lei 10.639/2003 que visa a inclusão da cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar, possa vir, com mais efetividade, avançar sobre as relações étnica- raciais dentro da escola, combatendo, assim, as situações vivenciadas pelos jovens negros e desconstruindo o racismo dentro dos espaços educativos. Segundo as autoras já citadas (2005), a discriminação que separa os negros de brancos, não é resultado apenas das heranças escravagista que possuímos, mas de um processo ativo de preconceitos raciais que legitimam na sociedade.

Os negros, especificamente os jovens, vivem “prisioneiros” de uma sociedade que naturalizou e acha que é “natural” as situações que eles vivem. Nos últimos anos, no Brasil, aumentou o número de pessoas negras sendo vítimas de homicídios. O Atlas da Violência 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revela que homens, jovens, negros e de baixa escolaridade, são as principais vítimas de mortes violentas no país, sendo que a população negra corresponde à maioria (78,9%) dos 10% dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios. Atualmente, de cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras. Como é a situação desta juventude, no ambiente escolar?

7.3 PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

A escola é o ambiente que proporciona aos envolvidos, novos caminhos, por isso, os professores e também os alunos devem contribuir para o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem. Segundo as abordagens de Soares Lopes (2008, p.24), muitos professores que atuam nas escolas não se dão conta da importante dimensão que tem o seu papel na vida dos alunos. Ressalta, também, a importância da formação do professor e da compreensão que ele deve ter em relação a esse ao processo de ensino e aprendizagem. Pois, não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos, sem contar com o comprometimento ativo do professor no processo educativo.

Os professores precisam não só ter o comprometimento, mas também a contribuição dos agentes pedagógicos e formações continuadas para poderem ampliar seus conhecimentos para desenvolver práticas educativas em sala de aula, visando despertar maior interesse dos alunos.

A escola pode ser considerada como um dos espaços essencialmente propícios, e talvez único, capaz de desenvolver e elevar o indivíduo intelectual e culturalmente dentro de uma sociedade. Entretanto, as relações estabelecidas no contexto escolar entre alunos e professores têm exigido bastante atenção e preocupação por parte daqueles que encaram a escola como espaço de construção e reconstrução mútua de saberes (LOPES, 2008, p. 6)

Portanto, um bom processo de ensino/ aprendizagem, é necessário uma boa relação entre professor e o aluno, pois assim, a aprendizagem poderá contribuir para a construção dos conhecimentos dos estudantes.

A escola tem várias formas de organizar a proposta e o trabalho pedagógico: o projeto político-pedagógico, a organização curricular, o planejamento das aulas, o plano de trabalho, a programação de eventos pedagógicos, o diário de classe, o conselho de classe, entre outros. No entanto, o fundamental é que essas formas expressem a concepção de educação e de ser humano que se quer formar. (LEITÃO, 2010, p.239)

O processo ensino/aprendizagem pode formar nos alunos atitudes para interações positivas, pautadas no respeito, já que, assim, pode obter o conhecimento das diferenças, como também, o desenvolvimento outros comportamentos. Alunos e os professores, podem aprender uns com os outros em sala de aula.

8 METODOLOGIA

A abordagem utilizada para o desenvolvimento da pesquisa, será a qualitativo. Como afirma as autoras, Silveira e Córdova (2009), a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização. Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados de interação) e se valem de diferentes abordagens. Dessa maneira, pode ser feita a utilização de diversas técnicas para a coleta de dados e não apenas as perguntas e respostas, já estruturadas.

A coleta de dados, será realizado por meio de entrevistas. Técnica, cada vez mais utilizada para realização de pesquisas, por meio dela se consegue uma diversidade de dados e informações para colaborar com os estudos, A entrevista contará com um roteiro para cada sujeito entrevistado, tendo em vista a busca respostas das professoras que trabalham nas séries finais das escolas públicas do município de Ipirá/Ba e, também, de alunos.

Segundo Júnior e Feres Júnior (2011), a entrevista pode desempenhar um papel vital para um trabalho científico, se combinada com outros métodos de coleta de dados, como, intuições e percepções provindas dela, podem melhorar a qualidade de um levantamento e de sua interpretação. A entrevista pode assumir diferentes formas, mas, independente da forma, cada uma delas exige do entrevistador habilidades e diversos cuidados na sua condução. Por este motivo, torna-se difícil determinar qual é a melhor maneira para se conduzir uma entrevista, porque dependerá, sempre, dos seus objetivos, assim como das circunstâncias, que a envolvem. De modo que só a partir das análises e interpretação feita, é que poderá ter conclusões.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas** ET alii. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BRITTO, Álvaro F. J.; FERES, Nazir Feres J. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos**. Evidência. Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

BENTO, Maria Aparecida Silva; BEGHIN, Nathalie. **Juventude negra e exclusão radical**. In: Boletins do IPEA: Políticas Sociais - acompanhamento e análise, n. 11, p. 194-197, agosto de 2005.

DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2003, n.24, pp.40-52 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>> Acesso em: 01 dez. 2017

História de Ipirá. Disponível em: <http://ipiranoticias.xpg.uol.com.br/historia.htm>> Acesso em: 26 nov. 2017

LEITÃO, Cleide. **Elaborando um Projeto de Intervenção Local para Enfrentar a Violência na Escola**. In: Assis, Simone Gonçalves de (org.) Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. / organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana, Quintes, Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2017.

MARRIEL, Nelson de Souza Motta; ASSIS, Simone Gonçalves de. **Reflexões sobre Violência e suas Manifestações na Escola**. In: Assis, Simone Gonçalves de (org.) Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. / organizado por Simone Gonçalves de Assis, Patrícia Constantino e Joviana Quintes Avanci. – Rio de Janeiro: Ministério da Educação / Editora FIOCRUZ, 2010.

MENEZES, Livia. **Violência escolar: o professor sob ameaça**. Suplemento Especial / Folha Dirigida. Out, 2013. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/d/sistema/publicacoes/571/arquivo/pagina-16.pdf>> Acesso em: 14 out. 2017.

OLIVEIRA, Caroline. **Atlas da Violência 2017: negros e jovens são as maiores vítimas**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas>> Acessado em: 06 dez. 2017.

OLIVEIRA, Helena ; AVANCINI, Marta;ABRAMOVAY, Miriam. **O bê-á-bá da intolerância e da discriminação**. 2003. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf> Acesso em: 25 ago. 2017.

SANTOS, Alessandro Pereira dos; ROSÁRIO, Ângela Buciano do; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira;. **Juventude e adolescência: considerações preliminares**. V. 42, n. 4, pp. 457-464, out./dez. 2011 Disponível em:
<<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3945234.pdf>.> Acesso em: 01 dez. 2017

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23^a. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In: Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.